

A Educação Física Elementar

Sob o ponto de vista da caracterologia

PELO DR. ARTUR RAMOS

As modernas conquistas da educação, operando um movimento intenso em todos os setores, revolucionaram também a essência e os fins da educação física, cuja definição já não se contém dentro dos estreitos postulados do critério funcionalista. Educação física não poderia mais ser confundida com os aspectos particulares do seu ensinamento técnico — ginástica, esportes ou jogos escolares. É um processo global, por sua natureza, inseparável do próprio conceito de educação, tomado em sua totalidade.

Só a necessidade da divisão do trabalho educativo impõe a sua separação técnica, da mesma maneira que nos domínios da educação intelectual. "Fazer educação física não quer dizer fazer ginástica ou esporte, do mesmo modo que fazer educação intelectual não significa ensinar uma ou duas matérias do programa. A educação física, como a educação intelectual, não se ensina nas escolas: faz-se".

E esta educação física não deve ser confundida com os esportes ou exercícios físicos, do mesmo modo que a educação intelectual não pode ser confundida com o ensino isolado da história ou da geografia... Por isso, uma das melhores definições de educação física é aquela de Pètre-Lazar, de quem tomei a citação acima. "A educação física — define este autor — é o conjunto de todos os meios físicos, intelectuais e morais que podem assegurar a saúde física e moral por um desenvolvimento normal do corpo humano". Esta definição implica uma atitude global na considerarmos o problema da educação física, tornando perfeitamente justificada a intromissão do psicohigienista e do ortofrenista.

O critério mais ou menos empírico com que se vem conduzindo até agora a educação física denuncia-nos um problema que até então não foi levado na devida conta. Temos visto que a educação física, e principalmente a educação física elementar, que é a que mais de perto nos interessa, se tem adstrito apenas aos critérios de idade cronológica e idade escolar para o seu agrupamento. Não tem investigado se esses grupos, assim separados, apresentam as mesmas atitudes, as mesmas características morfológicas e temperamentais. Classes heterogêneas recebem a mesma orientação técnica, sem se cuidar do seu desenvolvimento relativo, não só do ponto de vista morfológico — estrutura corpórea, estatura, peso, etc., — como do ponto de vista temperamental e caracterológico — capacidade vital, funcionamento dinâmico-endocrínico, polos humorais, variações psíquicas, comportamento caracterológico.

Si hoje, na aprendizagem intelectual, se investiga o grau de maturidade ao ensinamento desta ou daquela disciplina, é natural que se proceda da mesma forma com a educação física, tendo-se em vista os graus de desenvolvimento físico, a estrutura morfológica correspondente e as qualidades de reação temperamental e caracterológica do escolar.

Mas o simples critério da psicologia funcionalista não basta, ao nosso ponto de vista. Exercícios físicos e jogos educativos, quando não vinham atender ao aspecto puramente físico — de saúde orgânica, de aquisição de força e destreza, etc. — visavam o aperfeiçoamento de funções psíquicas isoladas, percepções sensoriais, atenção, memória, noção de tempo, aptidão motora ou as funções de aprendizagem. As classificações dos jogos educativos de Decroly e Mlle. Monchamps, por exemplo, obedecem a esse critério.

Ora, as modernas correntes psicológicas lançaram por terra os postulados do funcionalismo. O psiquismo humano não pode ser fragmentado em funções isoladas, estanques, como o fazia a psicologia atomística e funcionalista, psicologia quantitativa que media, dosava, contava as funções do psiquismo.

Um novo conceito de totalidade modificou todos os aspectos do psiquismo, agora considerado uno e total. A reflexologia e o *behaviorismo*, concluindo, pela observação da conduta total externa, o modo de apresentação psíquica, o personalismo e a constitucionista, estudando a personalidade total (*Gesammpersönlichkeit*), a psicanálise e doutrinas derivadas, criando as categorias totalistas de causalidade e finalidade para os atos humanos; a *Gestalt-hypothese*, estudando a gênese e desenvolvimento de estruturas, que são fenômenos globais... — todas essas correntes reivindicaram o conceito de totalidade (*Ganzheit, Wholism*), que fora desprezado pelos funcionalistas.

Surge uma nova ciência, a caracterologia, lançando as bases deste estudo global, totalitário da máquina humana, no seu triplíce aspecto: morfológico, temperamental e psíquico. É o estudo da personalidade, mas um estudo que envolve todos os aspectos desta mesma personalidade, aspectos, qualidades, fenômenos que, por sua própria natureza, não podem ser resolvidos em número, em definições estatísticas, porque são inextensos e incomensuráveis.

Ora, a educação física é um aspecto técnico parcial do fenômeno único da educação. Ela deve dirigir-se, pois, à personalidade total do educando. A biologia orgânica não enxerga separação entre corpo e alma, físico e psíquico, forma e função. A forma é uma característica vital, o esforço pela individualização. A teoria da "conformação a um plano" de Uexküll, da "mormoestesia" ou sentimento de forma de Noll, da morfoestetoquinésia de Gurwitsch, exprimem esse aspecto de interdependência estreita entre função e forma, uma a influenciar a outra, num plano normativo em que figura o conceito de totalidade. A forma é um conceito essencialmente dinâmico, implicando evolução e revolução permanente. O morto perde a forma. A vida é um processo total, onde não há partes independentes; todos os estados e processos só são possíveis dentro de uma conexão universal, formal e funcional. E estas conexões, em-

bora tomem nomes diversos como — agrupamento, estrutura, sistema, forma, *Gestalt* — exprimem o conceito geral do *Wholism*. Atingiremos ao ideal, quando falarmos uma linguagem universal, onde não haja separação entre nenhum sistema.

Os físicos (e os médicos antigamente eram assim chamados) os físicos, desde os simples instrutores da ginástica, aos *entraîneurs* dos jogos e esportes e o técnico da educação física — devem procurar compreender que já não nos basta a fórmula *behaviorista* do S-R (estímulo-reação), na explicação das reações humanas. Os efeitos de estímulo sobre o sensorio persistem além da terminação de todo o processo estimulante. A *Gestalt* provou que neste exemplo havia um todo indivisível, inexplicável pelo simples jogo de reflexos. Não existem estímulos simples que despertem reações simples no ser humano. Há acontecimentos vividos (*Erlebnis*) que se estruturam. Há vivências; há traumas; há complexos, para empregarem o nome que quiserem. Essa estruturação vai determinando posteriormente uma modalidade pessoal, total, de reação a qualquer estímulo futuro. Entre o estímulo e a reação, coloca-se a personalidade global.

A personalidade interposta define uma reação individual. A fórmula *behaviorista* S-R terá de ser completada: S-P-R. Aos educadores (e agora dirigimo-nos aos técnicos da educação física) compete indagar quais as primitivas vivências favoráveis à correta formação da personalidade da criança.

Estas forças ambientais — disciplinadas na educação física — são *valências*, na expressão de Lewin, que determinam a direção do *behavior* infantil. Podemos distinguir valências positivas (*positive Aufforderungscharaktere*), quando exprimem uma correta formação na resposta pessoal; e valências negativas (*negative Aufforderungscharaktere*), no caso oposto.

Temos então uma formidável tarefa diante do físico. O mundo externo é um jogo de forças atuantes (*Umwelkräfte*), que devem ser exatamente conhecidas no seu modo de agir física e psiquicamente na criança.

Valências positivas e negativas vamos encontrar nos exercícios e jogos da educação física, competindo ao educador o exato conhecimento das suas ações estruturais na personalidade da criança. Na educação física elementar, o trabalho é o da prevenção. O educador evitará a ação de valências negativas, observando como agem na criança — pelas suas reações negativas, afim de afastá-las em tempo. No polo psíquico, é o que chamamos de evitar a formação de *complexos*, para adotar a nomenclatura da psicanálise.

Mais tarde, quando a personalidade se acha mais desenvolvida, com mais elementos de estruturação, o educador nunca de-

verá esquecer o fator "personalidade" entre a fórmula S-R. Quer dizer, deverá indagar si tal exercício, si tal jogo, si tal esporte é adaptável à personalidade em questão. Ele pedirá então o auxílio do antropologista, do psicólogo, do higienista, para a definição daquela personalidade, no plano físico e no plano psíquico — em síntese, para a definição caracterológica.

Os ensaios de adaptação já têm sido feitos no plano físico-morfológico. O Dr. Theoris, citado pelo prof. Berardinelli, estudando 1.500 estudantes alemães dedicados aos esportes, encontrou preponderância do tipo leptosomático, longilíneo, nos corredores; o tipo pícnico, brevilinear, nos atletas pesados, lutadores, lançadores de peso; o tipo mediolíneo, atlético, nos pugilistas. Mas é a escolha esportiva que foi determinada pelo tipo morfológico preexistente e não, como alguns julgam, o tipo morfológico que foi formado por tal ou qual esporte.

Isso é fundamental para o educador e nós vemos hoje a autoridade de Pètre-Lazar adaptando os exercícios e a educação física, em geral, ao tipo morfológico dos escolares. O agrupamento das crianças para essa educação será feito, então, não apenas por uma arbitrária e errônea divisão por idade cronológica, mas essencialmente por tipos morfológicos diagnosticados previamente pelo antropologista.

Para isso, do mesmo modo que em qualquer setor da educação, se deverão fazer provas de maturidade e provas posteriores de adaptação a determinados exercícios físicos, jogos ou outros aspectos da educação física.

Os educadores, é preciso fazer-lhes justiça, já haviam investigado as reações biológicas dos escolares e os meios educativos. Sabiam que a nota essencial dos atos humanos consistia na sua correspondência às necessidades do indivíduo. Os fins propostos pela educação devem ser intérpretes, os mais fiéis possíveis, dessas necessidades. "O exercício favorável à satisfação das necessidades vitais — escreve Mallart y Cutó — caracteriza-se pela aquisição do indivíduo. Si, além deste assentimento, si tem gosto, interesse, entusiasmo, é sinal de que o exercício tem um grau maior de conveniência para o desenvolvimento individual, sempre que se trate de indivíduos normais e equilibrados.

"Por isto, pode-se dizer, de uma maneira geral, que a atividade proposta na educação deve apresentar estas características reveladoras de sua conformidade com as necessidades biológicas. Apetência, gosto, interesse, entusiasmo, são os sinais das reações biológicas acertadas, como o são das reações educativas que servem intensamente às necessidades de desenvolvimento. Por estes sinais, conheceremos si os casos concretos de atividade proposta ao educando são adequadas e em que grau."

Por isso mesmo, o trabalho da educação física estará incompleto, si não indagarmos, além dos aspectos físicos, as outras faces, inseparáveis da precedente, a face temperamental e a face psíquica, que integram o conceito caracterológico. A face temperamental (dinâmico-humoral), será estudada conjuntamente com a morfológica, e é o trabalho dos antropólogos escolares, avaliando da capacidade vital, reações dinâmico-humorais, testes farmacológico-endócrinos, metabolismo basal, etc.

A face psíquica é a que nos interessa mais especialmente. É aqui, deixamos as preocupações simplistas dos funcionalistas e dos psicotécnicos. É claro que, em muitos casos, não podemos dispensar certos aspe-

ctos de adaptação dos jogos e exercícios, a funções isoladas dos órgãos sensoriais e funções psíquicas simples, percepção, atenção, etc. Isso é indispensável, com efeito, nos jogos e exercícios que tendem a essa finalidade, muito especialmente nos deficientes sensoriais e nos atrasados.

Mas isso não basta. Os jogos e exercícios no pré-escolar e no escolar devem visar o aspecto caracterológico total. Ter em vista o coeficiente personalidade, dentro da fórmula S-R.

Para vermos quanto isso é importante, como os exercícios ginásticos estão ligados ao desenvolvimento total da personalidade, basta que nos demorem um pouco no caso dos jogos infantis e da sua moderna significação.

A fórmula prospectiva de De Groos, segundo a qual o jogo infantil seria um exercício preparatório às atividades futuras do adulto, deve ser ampliada. A interpretação geral de De Groos recebeu uma confirmação na teoria *lúdica* dos sonhos, mas há no jogo infantil aspectos particulares, ou antes, personalísticos, que só a psicanálise soube compreender. Nos jogos, a criança intervém com a sua personalidade. Não há, no jogo, apenas desejos, esperanças, ensaios preparatórios. Isso tudo é exato, si completado com a equação individual. Nos jogos, as crianças desempenham "papéis" em situações onde se mostram narcisicamente interessadas.

Esses interesses são equações narcísicas e, na primeira infância, refletem todos os aspectos de vivências positivas ou negativas, digamos *complexos* familiares atuantes na criança. A atitude da criança em frente aos seus brinquedos, exprime atos simbólicos em face das primeiras pessoas ou acontecimentos que lhe são agradáveis ou desagradáveis. Como a criança não pode expandir a sua personalidade na vida comum, em virtude da censura familiar primeiro, escolar e social depois, aproveita-se dos jogos para executar atos que, de outra forma, seriam inibidos. O jogo é o carnaval das crianças, onde elas intervém com a sua equação pessoal. No nosso Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, verificamos a inteira prova disso e temo-nos utilizado dos jogos infantis como um meio técnico de grande alcance para a análise do seu comportamento total. É o processo técnico, cujas vantagens nos foram mostradas por Melanie Klein — uma vez que aqui a criança substitue a palavra pela ação. É, no começo era a ação...

Ainda há mais. Há dois princípios fundamentais revelados pelo jogo: o princípio do prazer e o princípio da repetição e, neste sentido, quando bem orientado, o jogo facilita a assimilação dos princípios educativos, quando estes são orientados convenientemente.

Instinto egoísta de poder, satisfação de desejos, assimilação de experiências, de acordo com o princípio de repetição, transformação da passividade em atividade, fantasias, abolição da censura, etc., tudo isto o educador vai encontrar no jogo infantil.

A individualização é completa na análise de casos isolados. É aqui que vemos a exatidão da fórmula S-R com a interposição da personalidade. Mas há agrupamentos caracterológicos onde podemos investigar a ação dos jogos — nos cicloides, nos esquizoide, nos gliscroide, nos mitomaniacos, nos paranoide, nas personalidades especiais e sua conseqüente reação.

O mesmo raciocínio faremos com as demais formas da educação física. A formação de classes não deverá ser feita apenas pelo critério de divisão em idade cronoló-

gica e escolar, mas dentro do conceito caracterológico, no seu tríplice aspecto — morfológico, temperamental e psíquico.

A higiene mental deve velar a que não se acrescentem vivências negativas a uma personalidade mal formada. A educação física deverá ser um complemento, uma face, de educação global. Deve dirigir-se a uma personalidade, corrigindo estruturas resultantes de vivências negativas. Além das suas ações clássicas, e em cuja apreciação não entramos aqui — desenvolvimento orgânico, correção de defeitos orgânicos e sensoriais, a conhecida história do *mens sano in corpore sano* — além disso e superpondo-se a isso, a educação física deve conhecer a personalidade do educando, pedindo auxílio ao antropologista e ao neuro-higienista. Deste modo, ela evitará a formação de estruturas inadequadas ou, o que é mais, o reforçar complexos pre-existentes. Ela deve adaptar-se à personalidade do escolar, nos graus evolutivos do seu desenvolvimento biológico e na apresentação atual da sua fachada caracterológica.

A educação física não é um aspecto à parte do processo educativo, nunca é demais repeti-lo. É um mesmo processo global que se dirige à personalidade da criança, para orientá-la harmonicamente em todas as suas faces. O funcionalismo estreito, o exagero da físico e da psico-técnica, a divisão esquemática do trabalho impuseram, nos domínios da educação, divisões estanques, em compartimentos fechados, resultando de tudo isso visões unilaterais, escotomizantes, falhas, da personalidade da criança. Mas esse tempo há de passar e o técnico da educação física imitará o papel dos médicos de hoje, já tão distanciados dos físicos e terapeutas de há um século, aplicadores de cataplasmas e sangue-sugas.

CONCLUSÕES

I — A educação física não é mais do que um aspecto parcial do conceito total de educação. Não deve ser confundida com os jogos, ginásticas, esportes... que são matérias técnicas de seu ensino.

II — A educação física deve adaptar-se à personalidade do educando. O simples critério dos agrupamentos dos escolares por idade cronológica e escolar não basta. A homogeneização das classes para a educação física deve estabelecer-se dentro do critério caracterológico no seu tríplice aspecto — morfológico, temperamental e psicológico.

III — Do ponto de vista morfológico e temperamental, a educação física deve adaptar-se aos tipos antropológicos e às capacidades de reação dinâmico-humoral dos escolares — curva vital, polos de humor, metabolismo basal, reação dinâmico-endócrina.

IV — Do ponto de vista psicológico, o critério a ser adotado não deve ser puramente funcionalista e unilateral. A educação física não cuidará, apenas, das funções psíquicas isoladas, mas do modo de comportamento global da personalidade.

V — A educação física deve consultar o *interesse* do escolar. Um exemplo que ela deve sempre ter em vista é o dos jogos infantis, norteados dentro dos princípios que a psicanálise destacou; o princípio do prazer e o princípio da repetição.

VI — O técnico de educação física não poderá exercer isoladamente a sua tarefa. É indispensável que ele peça o auxílio do antropologista, do médico escolar, do psicólogo e do ortofrenista, cujas atividades, igualmente, não deverão aparecer isoladas, mas como aspectos técnicos parciais dentro do mesmo e geral fenômeno educativo.